Globethics Repository



Editorial

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Pinzani, Alessandro
Publisher	Universitade Federal de Santa Catarina
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-10 11:05:11
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/173043

EDITORIAL

Já em 1958, Hannah Arendt constatava com preocupação que, "recentemente, a ciência vem se esforçando por tornar 'artificial' a própria vida" e identificava a motivação desta tentativa em uma "rebelião [do homem] contra a existência humana tal como nos foi dada – um dom gratuito vindo do nada (secularmente falando), que ele deseja trocar, por assim dizer, por algo produzido por ele mesmo". Não há dúvida, segundo Arendt, de que sejamos capazes de realizar esta troca. "A questão é apenas se desejamos usar nessa direção nosso novo conhecimento cientifico e técnico – e esta questão não pode ser resolvida por meios científicos: é uma questão política de primeira grandeza, e portanto não deve ser decidida por cientistas profissionais nem por políticos profissionais" (ARENDT, H. A condição humana. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense, 2004, 10 s.).

Hoje, como nos dias nos quais Arendt escrevia essas linhas tão atuais, a questão da manipulação artificial da vida natural é tão importante e tão central para a nossa vida e para a nossa autocompreensão que não podemos permitir que ela fique uma questão interna ao próprio mundo científico. Por isso, não admira que o tema das biotecnologias em geral e da eugenia em particular se tinha tornado um dos assuntos principais no debate ético dos últimos anos. Os maiores pensadores, de Habermas a Dworkin, se pronunciaram a este respeito, e não podemos não constatar a dificuldade até em teorizar o assunto, em encontrar instrumentos e categorias conceituais à altura das dramáticas questões levantadas pelas novas tecnologias.

Neste número reunimos seis trabalhos sobre algumas dessas questões. A maioria deles se ocupa com as posições de Jürgen Habermas. A razão disso é dupla. Por um lado, os argumentos do filósofo alemão (sem dúvida um dos maiores pensadores vivos) suscitaram tantas e tão diversas reações que não há como negar a sua fecundidade e a importância de analisá-los mais cuidadosamente. Por outro lado, alguns desses artigos se originaram de uma mesa-redonda organizada no âmbito do *IV Colóquio Habermas* na UFSC em abril de 2005, na qual participaram as professoras Sônia Felipe e Maria de Lourdes Borges e os professores Darlei Dall'Agnol, Delamar Volpato Dutra e Alessandro Pinzani – todos da UFSC. O debate foi tão animado (no melhor sentido do termo), que resolvemos oferecer ao público alguns resultados daquele diálogo, continuado nos meses seguintes em conversas privadas.

Completam este número especial um brilhante artigo sobre células-tronco do professor Marco Antônio Oliveira de Azevedo e um comentário ao livro *O futuro da natureza humana* de Habermas redigido por Charles Feldhaus.

Agradeço a todos os autores e ao nosso secretário Andrei Luiz Lodéa pela valiosa cooperação.

O editor